

"Criatividade" altera plano da cidade

MARIA DO ROSARIO CAETANO

Repórter especial

A futurista cidade de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa vem, aos poucos, recebendo contribuições da "criatividade" de arquitetos, engenheiros, administradores públicos e até dos próprios moradores. Estas contribuições têm resultado em obras de gosto duvidoso, que muitos não hesitam em qualificar como "kitsh", ou seja, cafona, de mau gosto.

Para não exagerarmos, vamos citar apenas os exemplos mais evidentes: o Santuário Nossa Senhora de Fátima, na 906 Sul; o novo edifício da AMH (Associação Médico-Hospitalar), na 909 Sul; duas residências que agredem a singeleza das casas geminadas da W/3 (destaque para uma na 707 e outra na 705 Sul) e imponente esqueleto de hotel na beira do Lago, que, visto da plataforma da Estação Rodoviária, quebra a harmonia da Praça dos Três Poderes. E por falar em quebra de harmonia da monumental praça, não há como esquecer duas novas "contribuições": as escadas de emergência do Ministério da Agricultura e os toldos colocados na entrada mais evidente do Teatro Nacional. Os toldos, de cor azul-cheguel, chocam-se frontalmente com a beleza da pirâmide de Niemeyer e com os criativos relevos de Atheros Bulcão.

Querem mais exemplos? Há muitos, ainda. Estes, porém, não são consensuais. Há quem ache o negro edifício do Banco Central "um horror", e tenha para ele um nome próprio: Idi Amin Da-da, por ser "feio, grosso e preto". Apesar do racismo, o comentário existe. Há, porém, quem ache o edifício "até bonito", só que muito volumoso. Volumoso, a ponto de quebrar a harmonia arquitetônica do centro de Brasília. Outra construção polêmica é a Faculdade de Tecnologia da UnB. Muitos alunos costumam chamá-la de "réplica de uma fábrica da Revolução Industrial Inglesa". O edifício contrasta, isto é inegável, com a harmonia e singeleza do concreto armado que dá estrutura ao Instituto Central de Ciências (Minhocão) e aos edifícios da Reitoria e da Biblioteca Central.

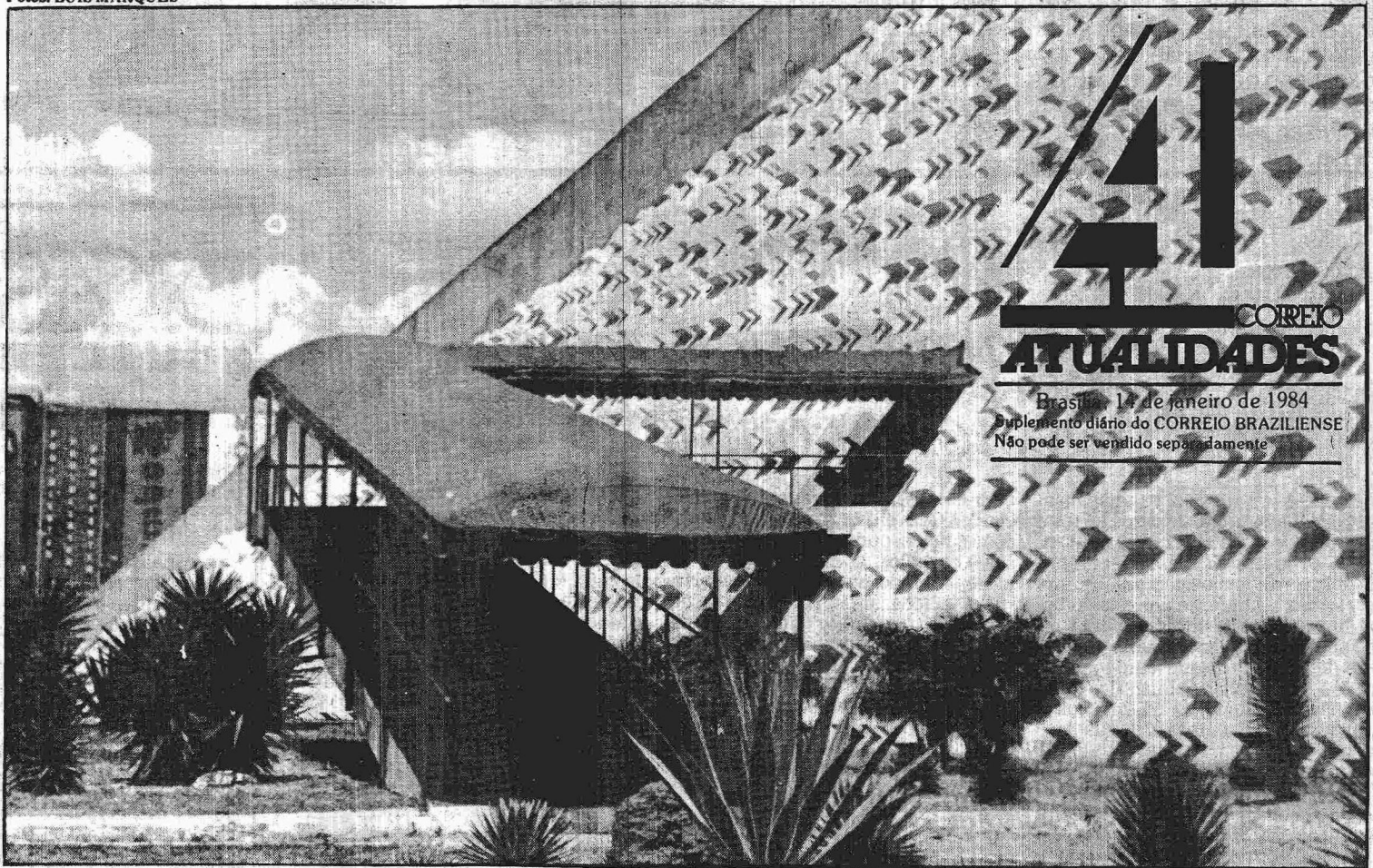
Há quem queira dar um "Troféu Mau Gosto" ao Centro de Convenções, criação do polêmico arquiteto Sérgio Bernardes, que ocupou o lugar de Oscar Niemeyer nos anos Médici. Os governantes brasileiros de então trocaram o "comunista" Niemeyer pelo "faraônico" Sérgio Bernardes. A obra mais conhecida do arquiteto, em Brasília, e que mais mágoas causou a Niemeyer foi o Mastro Monumental, que se impõe, orgulhoso, ao fundo da Esplanada dos Ministérios. Dizem que Niemeyer ficou furioso com a obra, por vê-la como atrevida agressão ao equilíbrio de sua criação maior: a Praça dos Três Poderes.

Saindo do campo de obras de grande porte e partindo para o detalhe, temos que destacar algumas agressões ao bom gosto: as velas, eterna decoração natalina do arrojado Conjunto Nacional Brasília, além de serem muito cafonas, já cansaram os olhos dos brasilienses. O amarelo-limão e o amarelo-canário dos edifícios anexos ao Itamarati e à Câmara dos Deputados agredem aos olhos de quem mira o Palácio dos Três Poderes e o Palácio dos Arcos, duas criações máximas do gênio de Niemeyer. Até pouco tempo, o Torre Palace Hotel, com sua pintura em branco e vermelho, era tido como de mau gosto. Agora, parece que seus proprietários sentiram "o drama" e resolveram pintar o prédio com discreta tinta de cor cinza. Ao lado do belo Hotel Eron, nada melhor que um edifício de cor sóbria.

TOLDOS AZUIS

No momento, a mais incômoda agressão aos olhos dos apreciadores da arquitetura niemeyrica são os toldos azuis do Teatro Nacional. Colocados recentemente, eles significam, não há como negar, uma violentação do mais belo teatro moderno do país e, principalmente, dos relevos de Atheros Bulcão. Glauber Rocha, quando escolheu esta entrada do Teatro

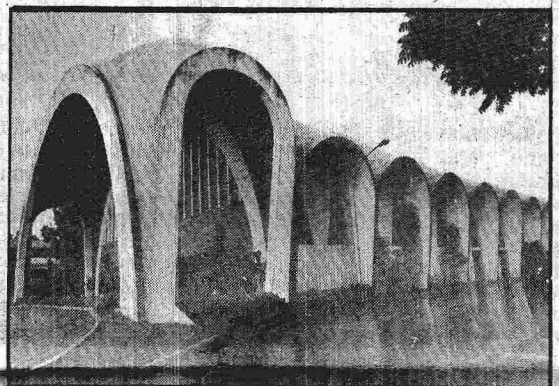
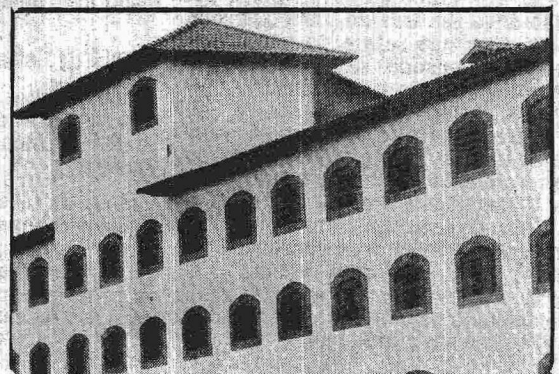
Fotos: LUIS MARQUES



O toldo "azul-cheguel" surgiu sem aviso prévio à população: ineficiente poluição visual



Uma curiosa casa na W/3 Sul, a Associação Médico-Hospitalar e o Santuário: as "novidades" arquitetônicas



Nacional para uma cena de seu filme A Idade da Terra, jamais imaginaria que anos mais tarde, algum espírito-de-porco a macularia com o toldo de cor azul-cheguel. A beleza dos relevos de Atheros Bulcão não apaixonou apenas a Glauber Rocha. Outro que não resistiu à invenção do artista plástico foi o costureiro francês Pierre Cardin. Numa das propagandas de sua firma, um modelo sentava-se, elegante, num dos blocos da fachada do teatro. E claro que agora, com o toldo azul-cheguel, o refinado figurinista não vai querer nem saber do Teatro Nacional. Depois destas considerações, resta-nos perguntar: qual é a utilidade daquele toldo? Se existir alguma, que pelo menos os responsáveis pintem o toldo de branco.

HOTEL E ESCADA

A harmonia da Praça dos Três Poderes não sofre ameaça da dimensão das atuais, desde 1970, quando foi instalado o Mastro Monumental, sustentáculo de nossa Bandeira, símbolo maior do civismo mediciano, que avisava: "Brasil: Ame-o ou Deixe-o". Agora, as ameaças vêm de um hotel em construção nas margens do Lago. Quem olha a fantástica Praça dos Três Poderes, de um ponto alto (proximidades da Torre de TV ou plataforma superior da Estação Rodoviária) vê enor-

me esqueleto intrometido entre o Palácio do Planalto e o Senado Federal. Ele fica bem ao lado da "bacia" que abriga o poder senatorial. Por enquanto, parece que a obra está interdita. Se, porém, ela for concluída, Niemeyer estará vivo para, in loco, presenciar o desastre.

A outra "agressão" - as escadas de emergência do Ministério da Agricultura, é obra de dois engenheiros: Eduardo Doglia Azambuja e Dálvio Ferreira Matos. Ao que tudo indica, foram construídas com a autorização de Oscar Niemeyer. Ninguém nega a utilidade da obra: toda escada de emergência é peça fundamental no salvamento de vidas, em caso de incêndio. O que incomoda aos apreciadores da Esplanada dos Ministérios, porém, é o volume das escadas. Será que, obrigatoriamente, tinham que chegar a tais proporções? Não poderiam ser mais leves? E os outros Ministérios, vão construir as suas? Quando isto acontecer (se acontecer), gastaremos anos para nos acostumarmos com as escadas que serão erguidas nas fachadas frontais dos Ministérios que abrem a praça: o do Interior, próximo à Catedral, e o das Minas e Energia. Este assunto merece reflexão maior. Caso esta reflexão não ocorra, a Praça dos Três Poderes, que nossos filhos conhecerão, não será a mesma que ain-

da podemos ver.

SANTUÁRIO

O Santuário Nossa Senhora de Fátima é definido por muitos como "a igreja mais feia de Brasília". Há quem veja semelhança entre a edificação e o, pasmem, intestino grosso. As curvas colocadas na abóbada do templo são mesmo grosseiras. E para agravar, os religiosos que a administram, resolveram pintá-la da cor rosa-berrante. De longe, ela é notada. Na frente do Santuário há uma pintura mostrando a aparição da Virgem a três crianças de Fátima. Em torno, vêem-se carneirinhos e outros símbolos familiares ao Cristianismo. Em torno da cabeça da Virgem, estrelas douradas tentam criar uma aura especial. A pintura, de Júlio Bonfim, está longe da beleza de obras da mesma natureza que enfeitam nossas igrejas barrocas. O mural tem a ingenuidade de um santinho, daqueles que a gente recebe quando faz a primeira comunhão nas cidades do interior. O arquiteto que criou aquele templo deve ser um crítico severo de Niemeyer. Afinal, da genialidade do mestre, não aproveitou nada.

W/3 SUL

Os "novos-ricos" que residem na W/3 Sul e no Lago, para se diferenciar dos demais, resolve-

ram tornar suas casas "especiais". Algumas atingem resultados desastrosos: uma, na 707 Sul, colocou na sua parede lateral onze janelas, de tamanhos e formatos variados: há janelinhas ovais, circulares etc. Outra, na 705, consegue façanha única: tenta "barroquizar" a simplicidade das casas daquela via. Nove janelas são enfeitadas por vitrais tricolores: azul-verde e marrom. Não satisfeitos, os decoradores da residência resolveram cercar as janelas com frisos dourados.

A novíssima sede da Associação Médico-Hospitalar, com suas 45 janelas colocadas em cada face, parece uma construção de Gramado, serrana cidade gaúcha. Em estilo "New-Colonial", a construção se dá ao luxo de ter pequenas torres cobertas com telhado capaz de escorrer muita neve. Quem sabe, um dia, cai neve no Planalto Central! Tudo é possível. Construção modelar nesta área é o Hospital das Doenças do Aparelho Locomotor, no início da W/3 Sul. Lembrando uma colmeia, o arquiteto Lele Filgueiras construiu um dos mais belos edifícios de Brasília. Sua função? A mesma da AMH: prestar atendimento médico. Como se vê, quem quer, cria. Quem não quer, imita modelos inadequados. Que o digam os criadores da réplica da Casa Branca, situada no Lago Sul.